

Notas de Pesquisa

Identities, inequality and conflict: immigrants and blacks in a municipality of the state of São Paulo, 1888-1914. Notas de pesquisa

Identities, inequality and conflict: immigrants and blacks in a municipality of the state of São Paulo, 1888-1914. Research notes

Karl Monsma¹
karlmonsma@uol.com.br

Introdução

A literatura afirma que a importação massiva de imigrantes ao estado de São Paulo prejudicou os libertos e outros negros após a abolição, relegando-os às margens da economia. Com o passar do tempo, uma parte dos imigrantes e descendentes ascendeu econômica, social e politicamente, ao passo que as vias de mobilidade social pareciam bloqueadas para os negros. O projeto investiga este processo de diferenciação e as relações cotidianas entre imigrantes, negros e brasileiros brancos no Oeste paulista nos últimos anos antes da abolição e nas primeiras décadas depois, concentrando-se principalmente no município de São Carlos. O objetivo central é entender as diferenças nas situações dos negros e dos vários grupos de imigrantes e a natureza de sua interação cotidiana, comparando suas relações com fazendeiros e com autoridades locais, suas identidades coletivas e seus padrões de mobilidade social e violência.

Integrando a fronteira do café na época da abolição, São Carlos teve um número significativo de escravos e também recebeu grandes levas de imigrantes, principalmente italianos. Depois de 1900, São Carlos também recebeu muitos imigrantes espanhóis e portugueses. Em função do grande número de imigrantes e da mistura de grupos, São Carlos constitui um bom caso para a pesquisa sobre a construção das identidades, a mobilidade social e as relações interétnicas e raciais.

A concentração da pesquisa em um município permite a junção de múltiplas fontes, incluindo autos penais, correspondência policial, jornais locais, censos, registros de casamentos e documentos das fazendas. A metodologia consiste na análise

¹ Professor do Programa de Pós-Graduação em História, Unisinos, RS.

qualitativa das várias fontes e no cruzamento de informações de fontes distintas, visando entender os distintos pontos de vista de pessoas de etnias e posições sociais diferentes. Complementam-se estes procedimentos por análises estatísticas de dados demográficos referentes a padrões de mobilidade social e de casamentos.

Negros e imigrantes no interior paulista

Falta diálogo entre a literatura sobre imigrantes em São Paulo e a sobre a história de negros e relações raciais. A maior parte dos escritos sobre imigrantes na época da imigração em massa menciona o negro somente como parte do contexto, a abolição aumentando a necessidade para mão-de-obra nas fazendas de café e a atração do Brasil como país de destino para emigrantes europeus. Embora, às vezes, reconheça a marginalização do brasileiro pobre, essa literatura focaliza a experiência e as lutas dos imigrantes, especialmente as dificuldades da vida nas fazendas e os conflitos com os fazendeiros (Alvim, 1986; Dean, 1976; Fausto, org., 1999; Hall, 1969; Holloway, 1980; Stolcke, 1988; Trento, 1989; Vangelista, 1982).

Boa parte desse desencontro entre as literaturas se deve ao fato de que focalizam períodos distintos. Ao passo que os estudos da imigração em São Paulo priorizam o período pós-abolição, quando chegou a grande massa de imigrantes, os estudos históricos sobre negros se voltam sobretudo para as últimas décadas da escravidão, focalizando as rebeliões e fugas de escravos, o medo das elites, as lutas individuais para a liberdade ou para ampliar as margens de autonomia dentro do sistema, ou ainda a experiência de ingênuos ou de libertos na sociedade escravista (Alaniz, 1997; Azevedo, 1987; Chalhoub, 1990; Machado, 1994; Xavier, 1996).²

Estudos comparativos são importantes para entender por que uma parte dos imigrantes conseguiu ascender econômica, política e socialmente, ao passo que os negros, com poucas exceções, não experimentaram processos de mobilidade semelhantes nas primeiras décadas após a abolição. A obra clássica de Florestan Fernandes (1978), que balizou boa parte do debate sobre a transição da escravidão ao trabalho livre em São Paulo, compara as trajetórias de imigrantes e negros. Trabalhos posteriores criticam a afirmação central de Fernandes que a escravidão, além de deixar um legado de racismo, deixou os libertos anômicos, faltando laços familiares e comunitários sólidos,

irresponsáveis e sem disciplina interna, por isso incapazes de competir com imigrantes no mercado de trabalho. Historiadores da escravidão demonstram a força da família escrava e a capacidade da comunidade escrava de negociar e resistir (Slenes, 1999; Reis e Silva, 1989). Azevedo (1987) mostra que o imigrantismo vingou entre fazendeiros e outras elites paulistas principalmente por medo da rebeldia e violência dos cativos, não por causa das supostas deficiências de libertos enquanto trabalhadores.

Entretanto, os críticos geralmente não contestam outros dois aspectos-chave do argumento de Fernandes a respeito do período pós-abolição: (1) que os empregadores, tanto no campo como na cidade, tinham preconceito contra os negros e os discriminavam, quase sempre preferindo o imigrante quando este estava disponível; (2) que os imigrantes substituíram os negros nos setores mais dinâmicos da economia paulista e nas profissões que apresentavam mais oportunidades para a mobilidade social, relegando os negros às margens da economia: atividades instáveis, com poucas oportunidades para a formação de pecúlio, como o trabalho ocasional ou empregos que implicavam a dependência pessoal, como o serviço doméstico. Na versão de Fernandes, a substituição do negro pelo imigrante resultou de uma combinação do despreparo e da indisciplina daquele com o preconceito das elites. Para outros estudiosos, como Hasenbalg (1979), foi principalmente consequência da discriminação racial. Andrews (1991), um dos poucos historiadores a criticar Fernandes a partir de pesquisa sobre o período pós-abolição, apresenta evidências de que os negros podiam competir com os imigrantes, mas perderam espaço principalmente porque eram mais exigentes nas suas negociações com fazendeiros e outros empregadores, sobretudo no que dizia respeito ao trabalho de mulheres e crianças.

Mesmo os autores que comparam negros e imigrantes raramente abordam as relações cotidianas entre os dois grupos (cf. também Beigelman, 1977; Kowarick, 1994; Slenes, 1997). O destino dos dois lados não dependia somente dos preconceitos das elites ou da competição com desconhecidos, mas também da interação face a face entre eles, que podia aumentar ou limitar oportunidades, ambições, solidariedades, tensões e medos.

Imigração, identidades e relações raciais

Uma das consequências da imigração européia para o Brasil foi a construção de novas identidades étnicas e

² Existem exceções: Andrews 1991 focaliza o período pós-abolição em São Paulo; partes de Xavier 1996 extrapolam a barreira de 1888; Rebecca J. Scott (1994) compara a situação de escravos após a abolição nas regiões açucareiras do Nordeste brasileiro, de Cuba e do estado de Louisiana, EUA; Cleber da Silva Maciel (1997) fez um levantamento de artigos de jornais sobre negros após a abolição em Campinas. Muitos escritos sobre este período abordam os negros como integrantes de categorias maiores, como "classes populares" ou "trabalhadores nacionais", o que tende a diluir sua experiência específica e atenuar questões de discriminação racial.

raciais no processo de interação com brasileiros e com outros grupos de imigrantes. Todo imigrante também é emigrante, e, muitas vezes, a nacionalidade do emigrante se reconfigura como identidade étnica no país de imigração (Sayad, 1998, p. 14-21). Ao mesmo tempo em que se descobriam como etnias, os imigrantes europeus, para os quais a cor tivera pouca relevância antes da imigração, assumiam a identidade racial de brancos, porque encontraram no Brasil um contexto altamente racializado (Guimarães, 1999, p. 45-59).

Os imigrantes sabiam que substituíram escravos, e as humilhações e abusos que sofreram dos fazendeiros os lembravam da escravidão. Uma hipótese central do projeto é que os imigrantes se esforçavam para distinguir-se dos negros justamente para não serem tratados como estes. A preocupação dos imigrantes em salientar o contraste racial ia de encontro à insistência dos negros em não serem humilhados ou rebaixados por causa de sua cor, resultando em interações tensas e a intimidação de negros por imigrantes, presentes em número muito maior. Outro aspecto das tentativas, por parte dos imigrantes, de manter a linha de cor era sua resistência a casamentos com negros.

O projeto salienta o papel da violência e da intimidação nas relações entre imigrantes e negros. Em uma época em que conflitos interpessoais muitas vezes enveredavam para a violência (Chalhoub, 1986; Fausto, 2001; Franco, 1974), a preponderância numérica dos imigrantes e o grande número de homens jovens entre eles significavam que libertos e outros brasileiros negros eram vulneráveis a agressões físicas cometidas por imigrantes.

Resultados parciais

A coleta de dados para este projeto está chegando ao fim. Aproximadamente 400 inquéritos policiais e processos criminais já foram codificados e transcritos, e mais de mil artigos de jornais locais foram fotografados. A pesquisa no acervo da polícia, no Arquivo do Estado de São Paulo, continua. Até agora quase três mil ofícios, telegramas, cartas e outros itens pertinentes deste acervo foram transcritos para uma base de dados textuais. Relatam-se aqui os resultados principais do projeto até o momento.

Negros e imigrantes em São Carlos: análises demográficas

Como consequência da abolição, da expansão das fazendas de café e, sobretudo, da imigração em massa, a população de São Carlos cresceu rapidamente e sofreu mudanças radicais na sua composição. Pretos, pardos e

caboclos enumerados no município pelo censo estadual de 1886 constituíam 55% da população total de 16.104. Mais de dois terços dos 5.950 pretos e pardos eram escravos ou ingênuos (Bassanezi, org., 1999, p. 40, 92, 100). Havia 2051 estrangeiros no município em 1886, a metade deles italianos (Bassanezi, org., 1999, p. 54). A proporção de brancos aumentou dramaticamente após a abolição. Entre 1888 e 1902, São Carlos foi um dos municípios que mais atraiu estrangeiros da Hospedaria dos Imigrantes na cidade de São Paulo (Truzzi, 2000, p. 58). Nas duas décadas entre 1886 e o censo municipal de 1907, o número de italianos em São Carlos aumentou dez vezes, e o de outros estrangeiros cresceu quatro vezes.³ Os 15.247 estrangeiros enumerados em 1907 constituíram aproximadamente 40% da população total. Porém, esta percentagem subestima a presença imigrante, porque os filhos de estrangeiros nascidos no Brasil foram contados como brasileiros. 67,1% dos chefes de família eram imigrantes, e a metade das famílias no município era chefiada por italianos.

Em 1907, negros viviam dispersos por todo o município, constituindo 14% da população urbana e 12% da rural. Muitos trabalhavam nas fazendas, onde os imigrantes se concentravam. Em 1899, quase 8% dos trabalhadores nas fazendas de São Carlos eram negros, constituindo o terceiro maior grupo de trabalhadores rurais, logo depois dos espanhóis (Clube da Lavoura, 1940).

Uma análise dos dados sobre chefes de família masculinos do censo municipal de 1907 mostra que negros não eram totalmente excluídos da competição com imigrantes no mercado de trabalho (Monsma, 2006). A literatura existente afirma que os imigrantes monopolizaram os contratos familiares de colonato, com uma mistura de remuneração fixa pelo trato anual de certo número de cafeeiros, remuneração variável, dependendo da quantidade de café colhida, e o direito de plantar gêneros alimentícios, ao passo que os negros só trabalhavam nas fazendas como camaradas – empregados individuais assalariados. Mas a análise do censo de 1907 mostra que, embora as famílias italianas e, sobretudo, espanholas se concentrassem mais no colonato, 43,5% das famílias chefiadas por homem preto e 30% das chefiadas por homem mulato tinham contratos de colonato, sendo esta a categoria ocupacional mais comum para os chefes de família de ambos esses grupos. Havia, é verdade, certa concentração de pretos e mulatos entre os camaradas, mas também havia muitos camaradas italianos e portugueses.

Contudo, é importante notar que este censo se realizou durante a crise do café, quando a renda real dos colonos diminuiu consideravelmente e os imigrantes constantemente abandonavam os cafezais para buscar

³ Fundação Pró-Memória de São Carlos, Censo Municipal de 1907.

oportunidades melhores nas cidades. É bem possível que a predominância dos imigrantes no colonato fora maior na década de 1890, quando os colonos tinham maiores possibilidades de formar pecúlio e adquirir terras próprias. Se esta conjectura estiver correta, significaria que a maior parte dos fazendeiros dava preferência aos imigrantes, contratando mais negros quando havia menos imigrantes disponíveis.

Negros e imigrantes também competiam ou se misturavam em uma ampla variedade de outras ocupações manuais. Em 1907, europeus e negros se encontravam em todos os níveis da estrutura ocupacional fora da elite de fazendeiros, grandes comerciantes e profissionais liberais. Em muitos casos, eles cumpriam as mesmas funções; em outros, desenvolviam atividades com níveis parecidos de renda e respeitabilidade. Alguns negros tinham posições de autoridade sobre italianos: em 1907, havia alguns pretos e mulatos empregados como administradores de fazendas ou diretores de colonos, e negros constituíam 20% dos soldados da força pública aquartelados em São Carlos.

Estes resultados preliminares sugerem que os negros esperavam ser tratados com dignidade em parte porque eles cumpriam as mesmas funções que brancos, e os imigrantes se sentiam ameaçados pelos negros – ou, mais precisamente, pela possibilidade de serem tratados como negros – em grande parte porque não havia segregação racial no mercado de trabalho.

A criminalidade

A literatura sugere que os estereótipos da época associavam italianos e negros com a criminalidade (Fausto, 2001; Maciel, 1997; Schwarcz, 1987). A análise preliminar dos dados de São Carlos indica que italianos, portugueses e negros eram super-representados entre os acusados da violência contra pessoas; negros e italianos se destacavam entre os acusados de crimes contra a propriedade. Um dos resultados mais significativos é que negros eram, de longe, o grupo com maior probabilidade de sofrer a violência física.

A frequência de acusações de pequenos crimes contra a propriedade indica o grau de exclusão social dos vários grupos. Chama a atenção o número de negros acusados de pequenos furtos, o que sugere que uma parte dos negros realmente foi marginalizada. Parece que, para negros, era difícil organizar quadrilhas ou outras organizações criminosas para realizar crimes de maior envergadura, porque viviam dispersos no município, o que facilitava a fiscalização de suas atividades, e não havia uma elite negra para ajudar na recepção de artigos roubados ou para fornecer esconderijos e informações sobre vítimas potenciais. Nas acusações de crimes mais sofisticados e lucrativos contra a propriedade, sobretudo os que envolvem

a colaboração entre vários participantes, são os italianos que se sobressaem. Uma quadrilha de bandidos calabreses, ativa no município entre 1895 e 1898, fornece evidências relevantes sobre a conformação e os limites do crime organizado italiano, que dizem respeito às divisões entre italianos, à solidariedade étnica dos meridionais e às relações entre italianos e autoridades locais. Em um artigo sobre esta quadrilha (Monsma, Truzzi e Conceição 2003), mostramos que ela contou com certa rede de apoio entre calabreses, incluindo vários pequenos comerciantes, e com o silêncio de outros italianos, seja pela intimidação, seja pela desconfiança que estes nutriam das autoridades brasileiras, mas só gozou de impunidade durante alguns anos em função de uma epidemia devastadora de febre amarela, que afastou boa parte da elite local e debilitou a polícia.

Tensões e violência nas relações entre grupos

O cerne do projeto é a análise dos inquéritos policiais e processos criminais, como maneira de conhecer as relações cotidianas entre grupos, sobretudo as tensões e os conflitos. Uma parte da pesquisa compara as relações de negros com brasileiros brancos, sobretudo com fazendeiros e com a polícia. Outra parte aborda as relações de convivência e conflito entre imigrantes e negros.

Imigrantes europeus enfrentavam fazendeiros e outras elites locais que os viam, sobretudo, como mão-de-obra barata. As tendências despóticas de muitos fazendeiros e administradores de fazendas, que se negavam a deixar os colonos se demitirem no meio dos contratos, impunham regras paternalistas, portavam relhos e usavam a violência e a intimidação para impor respeito, lembravam a escravidão. Monsma e Medeiros (2005) identificam pontos de tensão entre fazendeiros e trabalhadores italianos, que às vezes eclodiam em violência. Os fazendeiros tentavam segurar os trabalhadores durante o ano inteiro para ter mão-de-obra suficiente para a colheita. Portanto, negociavam contratos anuais com os colonos e não os deixavam abandonar as fazendas no meio dos contratos. Em função da necessidade de fixar os trabalhadores, os fazendeiros não podiam usar a ameaça da demissão para discipliná-los. Em vez disso, impunham multas por serviços atrasados ou malfeitos, por desrespeito ou por violações das regras paternalistas das fazendas. Mas as multas fomentavam o ressentimento dos trabalhadores, que se sentiam roubados e injuriados. Italianos descontentes tentavam se demitir como forma de protesto contra multas ou maus tratos, e os fazendeiros resistiam em deixá-los ir, valendo-se de ameaças ou seqüestrando bens, animais ou até filhos.

Discussões sobre esses focos de tensão geralmente só desencadeavam a violência física quando envolviam agressões simbólicas, como xingamentos, insultos ou

ameaças. Os fazendeiros e administradores estavam determinados em sustentar sua autoridade e se irritavam quando confrontados por desacatos; os italianos, por outro lado, revidavam tratamento que percebiam como aviltante. Os autos mostram tendências semelhantes nas relações entre fazendeiros e os outros grupos de imigrantes (principalmente espanhóis, portugueses e centro-europeus).

Outro texto (Monsma, 2007), sobre as relações entre fazendeiros e trabalhadores negros nos últimos meses de escravidão e nos primeiros anos depois da abolição, mostra que a rebeldia dos escravos na década de 1880 deixou os fazendeiros ressentidos, aumentando seu desprezo e ódio por negros. Essas atitudes facilmente geravam violência contra libertos e outros negros após a abolição. Fazendeiros e autoridades locais também mostravam forte tendência de classificar negros autônomos, sem patrões, como “vagabundos”, e tentavam forçá-los a empregar-se sob a ameaça de recrutamento para o serviço militar. Nas interações face a face, fazendeiros e administradores de fazendas se irritavam com qualquer sinal de desacato dos negros, recorrendo rapidamente à violência para rebaixá-los e humilhá-los, tendência que manifestavam menos nos conflitos com trabalhadores imigrantes. Os fazendeiros também se imiscuíam na vida privada de trabalhadores negros. Estes, por outro lado, reivindicavam respeito e dignidade e lutavam para defender seu direito à privacidade. Os imigrantes que compraram fazendas de café ou assumiram posições de autoridade nas fazendas rapidamente internalizaram as mesmas disposições raciais exibidas por seus congêneres brasileiros.

Até o momento, a análise dos materiais coletados focalizou principalmente as relações entre imigrantes e negros (Monsma, 2004; Monsma *et al.*, 2004; Monsma, 2006). Nos inquéritos policiais e processos criminais decorrentes de conflitos violentos entre imigrantes e negros, encontram-se com certa regularidade situações de sociabilidade e interação amigável que explodem em violência. A maior parte destas interações perigosas envolvia lutas sobre quem tinha o direito de mandar e quem devia acatar. Quando um negro agrediu um imigrante, tipicamente foi em resposta a uma atitude de superioridade e autoridade que este havia assumido, sem justificativa. Quando um europeu feriu ou matou um afro-brasileiro, geralmente foi depois de este ter afirmado sua igualdade e dignidade abertamente, insistindo em trato igual.

A pesquisa sugere que a presença de números significativos de negros nas mesmas posições ocupacionais que os imigrantes pobres, o contato cotidiano entre eles e os maus tratos que imigrantes sofriam dos fazendeiros e da polícia fomentavam a resolução, por parte de imigrantes, de manter a distinção de cor. Muitos negros, por outro lado, recusavam-se a aceitar a subordinação ou a humilhação. O

resultado era um clima de tensão entre imigrantes e negros. Precisamente porque sua própria situação estava perigosamente perto à de negros, imigrantes sentiam as reivindicações de negros, por respeito e igualdade no trato, como ameaças a seu sentido de identidade e honra.

O número total de brigas entre negros e europeus era relativamente grande: havia bem mais brasileiros brancos que negros no município, mas o número de vítimas em brigas entre estes e imigrantes era mais ou menos igual ao número de vítimas em conflitos entre brasileiros brancos e imigrantes. Encontrei uma tendência nítida para a violência de brancos, fossem imigrantes ou brasileiros, contra brasileiros de pele escura.

Parece que uma das conseqüências mais importantes da violência inter-racial era o ambiente de intimidação resultante. A intimidação deve ter acautelado os negros, restringindo sua liberdade de deslocamento e fortalecendo seus laços de dependência para com fazendeiros e outras elites brancas locais, o que, por sua vez, impedia a ação coletiva em defesa dos interesses do grupo.

Outro resultado parcial relevante é que as elites locais não apoiavam, automaticamente, imigrantes que agrediam afro-brasileiros. Uma vez que a abolição afastou a ameaça da rebelião escrava, as elites pouco se interessavam em promover a solidariedade branca porque não precisavam do apoio de imigrantes para manter seu poder econômico e político. Mesmo que menosprezassem os negros, as elites temiam a violência, os distúrbios, a sabotagem e as greves de imigrantes.

Principais produtos intelectuais do projeto

- MONSMA, K. 2004. Conflito simbólico e violência interétnica: europeus e negros no oeste paulista, 1888-1914. *História em Revista*, 10:95-115.
- MONSMA, K. 2005. Histórias de violência: inquéritos policiais e processos criminais como fontes para o estudo de relações interétnicas. In: Z.B.F. DAMARTINI e O. TRUZZI (orgs.), *Migrações: perspectivas metodológicas*. São Carlos, EDUFSCar, p. 159-221.
- MONSMA, K. 2005. Desrespeito e violência: fazendeiros de café e trabalhadores negros no Oeste paulista, 1887-1914. *Anos 90*, 12(22):151-172.
- MONSMA, K. 2006. Symbolic conflicts, deadly consequences: fights between Italians and blacks in western São Paulo, 1888-1914. *Journal of Social History*, 39(4):1123-1152.
- MONSMA, K. 2007. Lutas simbólicas e violência física: fazendeiros e trabalhadores negros no Oeste Paulista, 1888-1914. In: VIII Congresso Internacional da Brazilian Studies Association, Nashville, 2006. *Anais...* CD-Rom.
- MONSMA, K. 2007. Banditismo de calabreses e brasileiros na fronteira de café: notas sobre a imigração do crime organizado. In: Seminário Internacional Imigração e

- Relações Interétnicas e XVII Simpósio de Imigração e Colonização. *Anais...* [No prelo]
- MONSMA, K. 2007. Abordagens interacionistas e fenomenológicas na sociologia da violência, com aplicações para a pesquisa histórica. *Métis, História e Cultura*. [No prelo]
- MONSMA, K.; FERREIRA, L.S. e SILVA, V.F. da. 2004. Imigração e violência racial: italianos e negros no oeste paulista, 1888-1914. *Impulso: Revista de Ciências Sociais e Humanas*, 15(37):49-60.
- MONSMA, K. e MEDEIROS, S. 2005. Classe, etnia e violência nas fazendas de café do oeste paulista, 1888-1914. In: A. BRUMER e D. PIÑEIRO (orgs.), *Agricultura latino-americana: novos arranjos e velhas questões*. Porto Alegre, Editora da UFRGS, p. 163-184.
- MONSMA, K.; TRUZZI, O. e CONCEIÇÃO, S. da. 2003. Solidariedade étnica, poder local e banditismo: uma quadrilha calabresa no Oeste Paulista, 1895-1898. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 18(53):71-96.
- MONSMA, K.; TRUZZI, O. e VILLAS BÔAS, S.K. 2004. Entre la pasión y la familia: casamientos interétnicos de jóvenes italianos en el oeste paulista, 1889-1916. *Estudios Migratorios Latinoamericanos*, 18(54):241-270.
- MONSMA, K.; TRUZZI, O. e VILLAS BÔAS, S.K. 2005. Entre a paixão e a família: casamentos interétnicos de jovens italianos no Oeste paulista, 1890-1914. In: J.C. RADIN (org.), *Cultura e identidade italiana no Brasil: algumas abordagens*. Joaçaba (Santa Catarina), UNIOESC, p. 177-204.

Referências

- ALANIZ, A.G.G. 1997. *Ingênuos e libertos: estratégias de sobrevivência familiar em épocas de transição, 1871-1895*. Campinas, CMU/UNICAMP, 107 p.
- ALVIM, Z.M.F. 1986. *Brava gente! Os italianos em São Paulo, 1870-1920*. São Paulo, Brasiliense, 189 p.
- ANDREWS, G.R. 1991. *Blacks and whites in São Paulo, Brazil, 1888-1988*. Madison, University of Wisconsin Press, 369 p.
- AZEVEDO, C.M.M. de. 1987. *Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites – século XIX*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 267 p.
- BASSANEZI, M.S.C.B. (org.). 1999. *São Paulo do passado. Vol. IV: Dados demográficos 1886*. Campinas, NEPO/UNICAMP, CD Rom.
- BEIGUELMAN, P. 1977. *A formação do povo no complexo cafeeiro: aspectos políticos*. 2ª ed., São Paulo, Pioneira, 216 p.
- CHALHOUB, S. 1986. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*. São Paulo, Brasiliense, 249 p.
- CHALHOUB, S. 1990. *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte*. São Paulo, Companhia das Letras, 267 p.
- CLUB DA LAVOURA. 1940. *Estatística Agrícola do município de S. Carlos do Pinhal organizada pelo Club da Lavoura, 1899*. *Revista do Instituto do Café do Estado de São Paulo*, 15(161):1017-1028.
- DEAN, W. 1976. *Rio Claro: a Brazilian plantation system, 1820-1920*. Stanford, Stanford University Press, 234 p.
- FAUSTO, B. 2001. *Crime e cotidiano: a criminalidade em São Paulo (1880-1924)*. 2ª ed., São Paulo, EDUSP, 326 p.
- FAUSTO, B. (org.). 1999. *Fazer a América: a imigração em massa para a América Latina*. São Paulo, EDUSP, 584 p.
- FERNANDES, F. 1978. *A integração do negro na sociedade de classes. Vol. 1: O legado da "raça branca"*. 3ª ed., São Paulo, Ática, 332 p.
- FRANCO, M.S. de C. 1974. *Homens livres na ordem escravocrata*. São Paulo, Ática, 235 p.
- GUIMARÃES, A.S.A. 1999. *Racismo e anti-racismo no Brasil*. São Paulo, Editora 34, 254 p.
- HALL, M.M. 1969. *The origins of mass immigration in Brazil, 1871-1914*. New York, NY. Tese de Doutorado. Columbia University, 198 p.
- HASENBALG, C.A. 1979. *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*. Rio de Janeiro, Graal, 316 p.
- HOLLOWAY, T.H. 1980. *Immigrants on the land: coffee and society in São Paulo, 1886-1934*. Chapel Hill, University of North Carolina Press, 218 p.
- KOWARICK, L. 1994. *Trabalho e vadiagem: a origem do trabalho livre no Brasil*. 2ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 124 p.
- MACHADO, M.H. 1994. *O plano e o pânico: os movimentos sociais na década da abolição*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ; São Paulo, EDUSP, 259 p.
- MACIEL, C. da S. 1997. *Discriminações raciais: negros em Campinas (1888-1926)*. 2ª ed., Campinas, Centro da Memória-UNICAMP, 224 p.
- REIS, J.J. e SILVA, E. 1989. *Negociação e conflito*. São Paulo, Companhia das Letras, 151 p.
- SAYAD, A. 1998. *A imigração, ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo, EDUSP, 299 p.
- SCHWARCZ, L.M. 1987. *Retrato em branco e negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX*. São Paulo, Companhia das Letras, 284 p.
- SCOTT, R.J. 1994. Defining de boundaries of freedom in the world of cane: Cuba, Brazil and Louisiana after emancipation. *The American Historical Review*, 99(1):70-102.
- SLENES, R.W. 1997. Senhores e subalternos no oeste paulista. In: L.F. ALENCASTRO (org.), *História da vida privada no Brasil 2, Império: a Corte e a modernidade nacional*. São Paulo, Companhia das Letras, p. 233-290.
- SLENES, R.W. 1999. *Na senzala, uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava – Brasil Sudeste, século XIX*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 299 p.
- STOLCKE, V. 1988. *Coffee planters, workers and wives: class conflict and gender relations on São Paulo plantations, 1850-1980*. New York, St. Martin's Press, 344 p.
- TRENTO, A. 1989. *Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil*. São Paulo, Livraria Nobel, 574 p.
- TRUZZI, O.M.S. 2000. *Café e indústria – São Carlos, 1850-1950*. 2ª ed., São Carlos, EdUFSCar, 181 p.
- VANGELISTA, C. 1982. *Le braccia per la fazenda: immigrati e "caipiras" nella formazione del mercato del lavoro paulista (1850-1930)*. Milano, Franco Angeli Editore, 272 p.
- XAVIER, R.C.L. 1996. *A conquista da liberdade: libertos em Campinas na segunda metade do século XIX*. Campinas, CMU/UNICAMP, 165 p.

Submetido em: 11/03/2007

Aceito em: 12/03/2007